

# **Nos mistérios de Teresa de Jesus: da alma para o espírito**

**Larissa de Macedo Raymundo**

Santa Teresa viveu em uma época de várias mudanças: de poder, com o destaque para Espanha nas Grandes Navegações, ao lado de Portugal; de religião, com o advento do protestantismo pela Europa; e da filosofia, arte e literatura, com a disseminação do renascentismo. Todo esse cenário histórico, de alguma forma, influenciou na literatura de Teresa de Jesus. Como vimos anteriormente, o estilo teresiano é voltado ao mais simples, não simplista, uma vez que a madre fundadora da Ordem das Carmelitas Descalças utiliza vastamente de símbolos a fim de transmitir seus pensamentos diante de assuntos religiosos – embora esses assuntos possam transpassar o religioso.

Nesse tempo, vemos que há uma divisão clara dos assuntos abordados na literatura, principalmente no que se refere ao amor no âmbito religioso: moral, como forma educativa, e místico, como forma de ascensão, ou seja, proximidade máxima com o Amado, no caso, Deus. Este último busca incessantemente sentir-se unido a Deus. Teresa de Jesus é inserida na segunda, visto que ela, durante toda sua vida, busca pelo amor de Deus, por estar junto a Ele e, principalmente, por divulgar esse amor por meio de sua literatura. Como vimos anteriormente, Santa Teresa liberta-se dos moldes ideais de elegância e harmonia, mas volta-se ao estilo natural e simples, a fim de dizer claramente o que sente em seus êxtases e suas visões de Cristo. Seu estilo é muito diferente de seus contemporâneos, Luis de León – cujo estilo é mais filosófico e educativo – e Juan de la Cruz – cujo estilo é próximo ao de Teresa, mas de maneira mais laboriosa.

Apresentado, brevemente, o contexto histórico no qual Teresa se encontrava, além de percorrermos pela vida de Santa Teresa e por alguns registros de seus poemas, faremos uma breve análise dos signos e significados que formam os poemas teresianos. Para isso, nos apoiaremos em “Aspiraciones de vida eterna”, também conhecido como “Muero porque no muero”:

**Aspiraciones de vida eterna**  
(Muero porque no muero)

*Vivo sin vivir en mí,  
Y tan alta vida espero,  
Que muero porque no muero.*

Vivo ya fuera de mí,  
Después que muero de amor;  
Porque vivo en el Señor,  
Que me quiso para sí:  
Cuando el corazón le di  
Puso en él este letrero,  
*Que muero porque no muero.*

Esta divina prisión,  
Del amor en que yo vivo,  
Ha hecho a Dios mi cautivo,  
Y libre mi corazón;  
Y causa en mí tal pasión  
Ver a Dios mi prisionero,  
*Que muero porque no muero.*

¡Ay, qué larga es esta vida!  
¡Qué duros estos destierros,  
Esta cárcel, estos hierros  
En que el alma está metida!  
Sólo esperar la salida  
Me causa dolor tan fiero,  
*Que muero porque no muero.*

¡Ay, qué vida tan amarga  
Do no se goza el Señor!  
Porque si es dulce el amor,  
No lo es la esperanza larga:  
Quítame Dios esta carga,  
Más pesada que el acero,  
*Que muero porque no muero.*

Sólo con la confianza  
Vivo de que he de morir,  
Porque muriendo el vivir  
Me asegura mi esperanza;  
Muerte do el vivir se alcanza,  
No te tardes, que te espero,  
*Que muero porque no muero.*

Mira que el amor es fuerte;  
Vida, no me seas molesta,  
Mira que sólo me resta,  
Para ganarte perderte.  
Venga ya la dulce muerte,  
El morir venga ligero  
*Que muero porque no muero.*

Aquella vida de arriba,  
Que es la vida verdadera,  
Hasta que esta vida muera,  
No se goza estando viva:  
Muerte, no me seas esquiva;  
Viva muriendo primero,  
*Que muero porque no muero.*

Vida, ¿qué puedo yo darle  
A mi Dios que vive en mí,  
Si no es el perderte a ti,  
Para merecer ganarle?  
Quiero muriendo alcanzarle,  
Pues tanto a mi Amado quiero,  
*Que muero porque no muero.*

Estando ausente de ti,  
¿Qué vida puedo tener?  
Sino muerte padecer  
La mayor que nunca vi:  
Lástima tengo de mí.  
Por ser mi mal tan entero,  
*Que muero porque no muero.*

El pez que del agua sale  
Aun de alivio no carece,  
A quien la muerte padece  
Al fin la muerte le vale:  
¿Qué muerte habrá que se iguale  
A mi vivir lastimero?  
*Que muero porque no muero.*

Cuando me empiezo a aliviar  
Viéndote en el Sacramento,  
Me hace más sentimiento  
El no poderte gozar:  
Todo es para más penar.

Por no verte como quiero,  
*Que muero porque no muero.*

Cuando me gozo, Señor,  
Con esperanza de verte,  
Viendo que puedo perderte,  
Se me dobla mi dolor  
Viviendo en tanto pavor,  
Y esperando como espero,  
*Que muero porque no muero.*

Sácame de aquesta muerte,  
Mi Dios, y dame la vida,  
No me tengas impedida  
En este lazo tan fuerte:  
Mira que muero por verte,  
Y vivir sin ti no puedo,  
*Que muero porque no muero.*

Lloraré mi muerte ya,  
Y lamentaré mi vida,  
En tanto que detenida  
Por mis pecados está.  
Oh, mi Dios, ¿cuándo será,  
Cuando yo diga de vero,  
*Que muero porque no muero?*

O poema “Aspiraciones” tem uma estrutura de 15 estrofes, 14 com seis versos e uma com três versos. Nessa, a estrofe de abertura do poema (*Vivo sin vivir en mí,/ Y tan alta vida espero,/ Que muero porque no muero.*), podemos dizer, é uma introdução, um “chamamento” para que quem lê os versos entenda sua ânsia de viver a vida altaneira, ao lado de seu Deus – essa ânsia provém da própria autora do poema, pois aqui acreditamos não ser necessário separar o autor do eu-poemático. Por isso que, ao longo de todo o poema, o verso “*Que muero porque no muero*” é repetido e destacado, pois essa interjeição, tão comum em nosso linguajar informal, mostra a ânsia de morrer para viver – para nosso português equivale a “morro porque não morro”, ou “morro por não morrer”.

Das 14 estrofes seguidas da introdução, analisando a trajetória em que são compostas, podemos traçar um caminho no poema: na primeira e segunda, vemos um êxtase, uma aproximação com Deus; na terceira e quarta, sua volta ao corpo e início de lamentação; da quinta à décima, há um aprofundamento dessa lamentação, repleta de comparações e

metáforas; e, finalmente, da 11<sup>a</sup> a 14<sup>a</sup> estrofes podemos ver um diálogo direto com Deus, informal, mas sem contato físico, ao contrário do êxtase. Ao longo de nossa análise, justificaremos esse caminho e nos aprofundaremos neles.

No primeiro verso, quando a santa diz “Vivo ya fuera de mi/ Después que muero de amor”, podemos pensar que há um êxtase, fenômeno em que a pessoa não sente mais seu corpo físico, como se estivesse flutuando no ar (há outros tipos de êxtases, como visões, mas aqui nos atentaremos ao descrito acima). Isso é enfatizado pelos versos: “Porque vivo en el Señor,/ Que me quiso para sí”. Ao dar seu coração a Deus (“Cuando el corazón le di”), já há uma entrega para Ele e à vida eterna, tão prazerosa, pois o eu-poemático já a conheceu brevemente com o êxtase. De acordo com Montserrat Izquierdo Sorli (1993), Santa Teresa busca mostrar essa entrega, essa experiência como forma de interpretar o próprio Deus:

La misión de Sta. Teresa es la de interpretar a Dios. Interpretar a Dios, entendiendo en el fondo del alma, para después desvelar a ese Dios que se le ha comunicado. [...] Teresa de Jesús busca con ahínco animar a los que se deciden a entrar por los caminos de la vida interior. Su objetivo es iniciático. Quiere guiar, enseñar, arrastrar convencida por propia experiencia de que Dios se da a todos. (SORLI, 1993, p. 20-21)

Ao estar convencida de que sua experiência com Deus é tangível, sua sentença a essa vontade torna-se maior quando Deus escreve no coração dado pela santa “*Que muero porque no muero*”, ou seja, que há uma lamentação dela em não poder morrer no momento, apesar de muito querer. Como dissemos anteriormente, isso se intensificará ao longo de todo o poema.

Após a entrega de seu coração, há a entrada de Deus no lugar antes vazio. E tamanha é a felicidade, que Teresa transforma seu Deus cativo – não pensemos no lado negativo da palavra, pensemos além: um laço de amor que a santa quer ter com seu Amado. Esse trazer para dentro de si Deus, ou seja, um movimento de dentro para fora, é posto ao contrário na estrofe seguinte. Ao sair do êxtase, ao ter Deus dentro de si, ao lhe arder de paixão (“Y causa em mi tal pasión”) ver que Deus é seu prisioneiro, agora Teresa se vê presa em seu corpo material e passa a lamentar por isso.

“¡Ay, qué larga es esta vida!/ ¡Qué duros estos destierros,/ Esta cárcel, estos hierros/ En que el alma está metida!”, pesares que concretizam seu sofrimento por estar no corpo, na carne, pois nele não há como ficar ao lado de seu Senhor. Para ela a única saída é a morte, que, na terceira estrofe é metaforizada com a palavra “salida”, ou seja, esperar a morte lhe é tão dolorida que “morre porque não morre”. Sendo assim, toda a vida lhe é amarga e dolorida,

pois o Senhor está acima das nuvens, longe dos homens da terra. Apesar do amor de Deus lhe ser doce, a espera da morte assim não é (“Porque si es dulce el amor,/ No lo es la esperanza larga”). Sua única esperança é clamar a Deus pela sua libertação, que a leve da matéria e receba sua alma.

Daqui por diante, isto é, das estrofes cinco a dez as metáforas sobre morte e vida são intensificadas, uma vez que ambas se separam e se fundem, ao mesmo tempo, em significados. Há uma antítese no que diz respeito à morte da vida e à vida da própria vida. Vemos isso a partir da quinta estrofe, nos versos “Porque muriendo el vivir,/ me asegura mi esperanza,/ muerte del vivir se alcanza,/ No te tardes que te espero”, em que Teresa de Jesus confirma que esta vida, na verdade, é morte e que morrendo se chega à vida. Ou seja, para ganhar a vida dos céus altaneiros, há que se perder esta vida, a carnal e corporal, como vemos nos versos: “Mira que sólo me resta,/ Para ganarte perderte.” (estrofe sexta) e “Aquella vida de arriba,/ Que es la vida verdadera,/ Hasta que esta vida muera,/ No se goza estando viva.” (estrofe sétima). Aqui nesta vida, a carnal, não se dá para viver o amor pleno de Deus; o máximo que se pode fazer é cuidar de nossa morada para quando o Senhor chegar, ela estar toda posta e ornada – como assim diz Santa Teresa em seu livro *Moradas*:

É considerar a nossa alma como um castelo todo ele de um diamante ou mui claro cristal, onde há muitos aposentos, assim como no Céu há muitas moradas. Que se bem o considerarmos, irmãs, não é outra coisa a alma do justo, senão um paraíso onde Ele disse ter Suas delícias. Pois, não é isso que vos parece que será o aposento onde um Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro, tão cheio de todos os bens se deleita? Não encontro eu outra coisa com que comparar a grande formosura de uma alma e a sua grande capacidade; na verdade, os nossos entendimentos, por agudos que sejam, mal podem chegar a compreendê-la [...]. (JESUS, apud CARMELO, 1978, p. 642)

Embora haja ainda o lamento, Teresa clama a Deus para que venha lhe buscar desta “morte”: “Quíteme Dios esta carga” (estrofe quarta, quinto verso). O interessante é que após ter o êxtase, a volta ao corpo material, nas lamentações (das estrofes quinta à décima), o rogo por “Deus” aparece apenas uma vez (“A mi Dios que vive em mí”). Podemos pensar que, ao solicitar sua liberdade a todos os meios – pedindo que a morte lhe leve, pedindo que a vida terrena lhe deixe –, seu último recurso seja Deus, isto é, embora a santa tenha passado por todo o contato com o divino, Ele ainda não está totalmente presente, uma vez que seu encontro ocorra somente nos êxtases. A partir desse retorno da presença do Senhor, Teresa inicia um possível contato mais direto, ou melhor, um tratamento direto – com o uso de “tú”

por meio de “te” e “ti”. Contudo, antes de partirmos para as estrofes finais, voltemos um pouco para alguns símbolos aparentes no poema.

Nos versos “El pez que del agua sale/ Aun de alivio no carece,/ A quien la muerte padece/ Al fin la muerte le vale”, nos atentemos às palavras “pez” e “agua”. Aqui o peixe (“pez”) é usado como metáfora para o homem, ou seja, uma vez que o ser humano morre, não necessita mais de alivio para as mazelas corporais, afinal, a morte já desempenha essa função. É válida essa visão, pois, não nos esqueçamos, o peixe é um símbolo cristão, e mais, um símbolo que se remete a Cristo – há essa ligação com Jesus porque, primeiramente, era um alimento judeu e, segundo, pelo milagre da multiplicação dos pães e peixes. Segundo Paula Barata Dias (2010):

[...] [O peixe] é também um símbolo religiosamente neutro, quer para o mundo judaico, quer para o mundo greco-romano, já que estava ausente dos altares sacrificiais. Ele não despertaria no destinatário da mensagem outra interpretação que não a da natureza concreta e profana do alimento em si, e permitiria a identificação do próprio destinatário da mensagem com a natureza do peixe que é capturado pelo pescador, Cristo, ou pelos seus discípulos, portadores da sua mensagem. O peixe é, tal como o pão, pela sua presença na mesa do quotidiano, **um símbolo da própria humanidade** [...]. (DIAS, apud HUMANITAS, 2010, p. 162, grifo nosso)<sup>1</sup>

Essa alegoria do peixe é muito usada na filosofia e literatura cristã, como exemplo do *Sermão de Santo Antônio*, de Padre Antônio Vieira:

Quando Cristo comparou a sua Igreja à rede de pescar, *Sagenae missae in mare*, diz que os pescadores «recolheram os peixes bons e lançaram fora os maus»: *Elegerunt bonos in vasa, malos autem foras miserunt*. E onde há bons e maus, há que louvar e que repreender.<sup>2</sup>

Além da simbologia do peixe, podemos verificar que também há a água (“agua”). Símbolo recorrente em toda a obra de Santa Teresa, de acordo com Frei Patrício Sciadini (2009), a água, na Bíblia, alude à vida, “a saciedade dos desejos humanos” (SCIADINI, 2009, p. 622). Então, podemos pensar que em “Aspiraciones”, a água no verso “El pez que del **agua**

<sup>1</sup> DIAS, Paula Barata. O peixe para os Judeus e para os Cristãos: leituras de um símbolo à luz da cultura greco-romana. In.: *Humanitas*. Universidade de Coimbra, n. 62, 2006. Disponível em: <[http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas62/09\\_o\\_peixe\\_para\\_os\\_judeus.pdf](http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas62/09_o_peixe_para_os_judeus.pdf)>. Acesso em: 04 de dez. de 2012.

<sup>2</sup> VIEIRA, Padre Antônio. *Sermão de Santo Antônio*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000033.pdf>>. Acesso em: 04 de dez. 2012.

sale” (grifo nosso) remete à vida terrena. A mesma simbologia vemos descrita por Sorli (1993): “Para la Santa, el *agua* es el símbolo de la gracia que Dios concede al hombre, gratuitamente, desde los estados iniciales de la fe, hasta la comunicación plena de la unión mística.” (SORLI, 1993, p. 69). Dessa forma, a água faz alusão ao sopro de vida que Deus dá ao ser humano, e, por toda sua vida material, o homem dependerá desse elemento natural, até sua morte.

Na mesma estrofe, a décima, Santa Teresa, depois de usar a representação descrita acima, mais uma vez, lamenta-se de não ter o mesmo destino que o “peixe”. O que ela deseja é apenas morrer, e não de alívio carnal<sup>3</sup>; deseja que sua alma, tão ingênua e “má” – como ela mesma descreve no decorrer de suas obras – transforme-se em espírito, a fim de, finalmente, encontrar-se com Deus. Interessante essa diferença de alma e espírito, pois enquanto a primeira está mais próxima do material, a segunda está mais do divino. De acordo com Frei Patrício (2009):

As mesmas flexões semânticas, com pequenos matizes psicológicos e religiosos, têm em seus escritos [os de Santa Teresa] o vocábulo “anima/s”. [...] Mas o mais normal é utilizá-lo como sinônimo de alma-pessoa, ou de alma porção espiritual do composto humano. (SCIADINI, 2009, p. 52)

A alma, para Teresa de Jesus, é a parte interior da pessoa, diferente de seu corpo, sua parte externa: “Exterior é o corpo, a palavra o raciocínio de quem escreve, os sentidos, tudo o que há na superfície de si mesmo. Ao contrário, a alma é a interioridade da pessoa, o profundo de si mesmo, velado de mistério e envolto de silêncio.” (SCIADINI, 2009, p. 53). Já “espírito”, podemos pensar, já tem seu significado proposto por nomenclatura, é o estado mais próximo de Deus – graças à Divina Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. O espírito é livre do externo e do interno do homem, onipresente e onipotente, como Deus Pai, conforme está descrito em João, capítulo 3, versículo 8: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.” (JOÃO, apud BÍBLIA, 1962, p. 1006)<sup>4</sup>.

Retomando o tratamento direto que Santa Teresa emprega ao se dirigir a Deus, vemos isso a partir da 11ª até a estrofe final. E essa proximidade observamos com as seguintes palavras: “Viéndote”, “poderte”, “verte”, “perderte”, “Mi Dios”; e pelos versos: “No me

---

<sup>3</sup> Talvez aqui ela esteja remetendo às dores corporais que sentia durante sua vida: “Devido a suas enfermidades crônicas, Teresa sofre a pressão do corpo, tem forte consciência de sua presença e sua imponência.” (SCIADINI, 2009, p. 53)

<sup>4</sup> In: *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Maltese, 1962.

tengas impedidas” e “Y vivir sin ti no puedo”. Conforme Frei Patrício (2009), essa relação de “tu a tu” é algo natural de Teresa – “Nela o tu a tu é fácil, rápido, dinamicamente aberto à intimidade mais íntima. É amada e ama” (SCIADINI, 2009, p. 272). Talvez isso seja forte pela vontade que a santa tinha em deixar claro e viável suas experiências àqueles que a ouvissem ou lessem, o que, como consequência, estendia-se ao Deus Pai:

A procura do TU divino cobre toda a vida de Teresa; e é co-extensiva a ela. Se isto é assim, e o é, é porque antes de mais ela experimentou a Deus em divina gravitação de amor inefável, comunicador incansável de si mesmo, apaixonado buscador de Teresa. (SCIADINI, 2009, p. 272)

O experimentar a Deus causou tal paixão, tal querer, que Teresa não mais se contenta com suas orações, pois cada êxtase que tem, é um ganhar a Deus, mas cada volta ao corpo é um perder ao Amado. Esse ir e vir, esse “Cuando me gozo, Señor/ Com esperanza de verte/ Viendo que puedo perderte,/ Se me dobla mi dolor” causa pavor à santa, colaborando, assim, ainda mais para seu desejo de morte, de sair do interior de sua alma e ir, finalmente, juntar seu espírito ao do Amado. Este é seu mistério: consumir seu amor espiritual – como assim diz Sorli: “[Brotá] en Teresa de Jesús el deseo de declarar su experiencia del misterio divino” (SORLI, 1993, p. 20). Seu mistério, ou seja, seu íntimo anseia em juntar-se ao mistério divino, e isso requer experimentá-lo e interpretá-lo.

Nessa ideia, sucessivamente, o poema vai se desenrolando, com um querer morrer para amar por completo e ter por completo o amor de Deus. O amar que, portanto, Santa Teresa aspira à vida eterna é sentido “de todo coração, de todo o entendimento e de toda a força” (MARCOS, 12:33, apud BÍBLIA, 1962, p. 963).

O que vimos durante todo nosso percurso no poema “Aspiraciones de vida eterna” foi o impulso interior de uma alma que buscava sua fonte de vida eterna: Deus Pai Todo Poderoso. A paciência, embora tão característica de Santa Teresa, pouco aparece, ou quase nada, no poema, pois, num momento de êxtase, em seu transe místico, ela saboreia do doce amor de Deus, conforme explica Frei Patrício:

[...] o mais interessante de sua confiança [a de Teresa] é a definição do transe poético e a indicação da origem do próprio estro: ela escreve poemas (“estrofes”), sob o impulso de intensa vivência ou por pura expansão da onda interior mística. Poemas enraizados na nostalgia de Deus e do divino, na pena de ausência – “tão saborosa pena” –, que situam a poetisa no limite do “desatino”, e a fazem “sair de termos”, “porque nenhuma razão basta para me controlar quando o Senhor me tira

de mim”; que a tornam poeticamente provocativa: “sejamos todos loucos de amor” (ib. 6), e a fazem articular seus versos em antífonas de “queixa de seu Deus”, a modo de elegias teológicas. Tudo como se tratasse um fenômeno conatural ao processo extático. (SCIADINI, 2009, p. 558)

Acreditamos que seja mais que um “processo extático”; é um processo de dentro para fora, mostrando todo o mistério que há em si – como dito anteriormente, uma passagem de alma para espírito. Nessa passagem podemos considerar que Santa Teresa de Jesus, deixando um pouco de lado as características místicas e suas influências em sua obra – seja ela prosa ou poesia – quer nos apresentar, ensinar e deixar que sintamos o amor universal, ou seja, o amor que ultrapassa os limites da carne, como o amor de homem e mulher, e chegue ao amor maternal e fraternal, o de doação, de espírito, que torna o mistério em luz.